



Subsídios para a biografia de Serafim Leite (1890-1969)

Maria João Pereira Coutinho
IHA – NOVA/FCSH / IN2PAST
<https://orcid.org/0000-0001-9323-3345>¹

Nota prévia

O texto que se transcreve, intitulado “A minha vocação”, a partir do qual se podem reconstituir os primeiros anos da vida do Padre Serafim Leite, dactilografado e com a sua assinatura autógrafa, encontra-se à guarda do Arquivo Português da Companhia de Jesus (APCJ)².

Este ensaio foi publicado pela primeira vez na *Revista da Academia Brasileira de Letras – Anais de 1940*, Vol. 60, Rio de Janeiro, pp. 382-396 e uma cópia foi parcialmente editada por Daniel Neto, em dois artigos, intitulados “Fotografias com HISTÓRIA com fotografias: A Vocação de Serafim Leite”, no jornal *O Regional*, de São João da Madeira (04 e 11 de Fevereiro de 2021).

Daniel Neto refere que “O documento original, de que possuímos uma cópia, é composto por 14 folhas datilografadas e corrigidas manualmente pelo autor. Dada a extensão do texto, algumas passagens, que consideramos menos significativas para a compreensão da história de vida de Serafim Leite, foram suprimidas.”, o que coincide com a descrição do documento existente no APCJ.

¹ Maria João Pereira Coutinho é membro integrado do Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa / IN2PAST — Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território. Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Norma Transitória – [DL 57/2016/CP1453/CT0046] e foi realizado no âmbito do seed-project *Uma História ‘em construção’. Artistas e Artífices nos espólios de Francisco Rodrigues, S.J. (1873-1956) e de Serafim Leite, S.J. (1890-1969)*, do IHA – NOVA FCSH e da Brotéria.

² APCJ, PT-CJ/AB/ESP10-SL, Cx. 1.



O facto de a edição da *Revista da Academia Brasileira de Letras* ser pouco acessível ao público português, bem o facto de a edição publicada no jornal *O Regional* não estar completa e ainda a circunstância de estarmos perante um texto autógrafo com anotações do punho do seu autor, justificou, no nosso entender, a transcrição deste documento.

O testemunho na primeira pessoa, a par de toda a bibliografia passiva produzida até à data da transcrição, são contributos fundamentais para a compreensão do percurso e das opções metodológicas de Serafim Leite³.

Para a fixação do texto em apreço foram adoptadas as seguintes regras de transcrição, adequadas às recomendadas por Eduardo Borges Nunes:

- respeitou-se a disposição dos documentos nas fórmulas iniciais e finais;
- respeitou-se a grafia das palavras;

³ Miquel BATLLORI, “Bibliografia de Serafim Leite (S.I.)”, in *Institutum Historicum S.I.*, 1962, pp. 7-10; Hélio Abranches VIOTTI, “Padre Serafim Leite, S. J. (1890-1969)”, in *Revista Verbum*, Rio de Janeiro: Universidade Católica, Tomo XXVII, fasc. 1-2, Mar./Jun. 1970, pp. 103-135; M. COLPO, “P. Seraphinus Leite”, *AHSI*, Vol. 39, 1970, pp. 461-462; Domingos MAURÍCIO, “Serafim Leite. S. João da Madeira, 6-VI-1890-Roma, 27-XII-1969”, in *Brotéria*, Vol. 90, 1970, pp. 164-173; Ernest BURRUS, “Father Serafim Leite, S.J.”, in *Revista Americas*, Vol. 27, 1970-1971, pp. 456-457; “Serafim Leite’s Sucessor”, in *The Americas*, Vol. 34, N.º 3, 1978, p. 425; V. Braga PAIXÃO, *Elogios do Pe. Serafim Leite e do Dr. Ruben Leitão*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1979; Inocêncio PINHO, *Serafim Leite: O Homem, a Vida e a Obra*, S. João da Madeira: Câmara Municipal, 1985; Inocêncio PINHO, “O Historiador da Missionaçãõ Jesuítica no Brasil” (Centenário de Serafim Leite S.I, 1890-1990)”, in *Brotéria*, Vol. 131, 1990, pp. 191-205; J. Vaz de CARVALHO, “LEITE, Serafim”, in Charles E. O’NEILL, S.I., Joaquim M.ª DOMÍNGUEZ (dir), *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús: biográfico-temático*, Roma, Madrid: Institutum Historicum, S.I., Universidad Pontificia Comillas, 2001, pp. 2326-2327; Flávio Massami Martins RUCKSTADTER, Maria Cristina Gomes MACHADO, “Um Projeto Católico de Nação: Serafim Leite S. J. (1890-1969) e Obra e Páginas de História do Brasil”, in *Revista Teoria e Prática da Educação*, Vol. 18, N.º1, Janeiro/Abril 2015, pp. 111-121; Flávio Massami Martins RUCKSTADTER e Oriomar SKALINSKI JUNIOR, “Os Textos do Pe. Serafim Leite (S. J.) na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: Um projeto formativo centrado na ideia de Nação Católica”, in *Práxis Educativa*, Vol. 12, N.º 1, Jan./Abr. 2017 pp. 64-82 et alii.



UMA HISTÓRIA 'EM CONSTRUÇÃO'. Artistas e Artífices nos espólios de Francisco Rodrigues, S.J. (1873-1956) e de Serafim Leite, S.J. (1890-1969)

- desdobraram-se em itálico as abreviaturas das palavras;
- assinalaram-se as mudanças de fólios;
- respeitaram-se os sublinhados dos textos;
- manteve-se o sistema de acentuação e pontuação;
- respeitaram-se as maiúsculas e minúsculas do original;
- procedeu-se à separação e reunião de palavras e partes de palavra de acordo com o uso moderno, de forma a facilitar a sua compreensão;
- assinalaram-se, em nota de rodapé, os acidentes do texto;
- utilizou-se a palavra (sic) para identificar palavras grafadas de forma incomum.



A MINHA VOCAÇÃO

Daqui a um ano terei meio século de existência. Talvez me reste pouco mais. Paremos um instante. Nestas alturas já se pode olhar para trás para descortinar, através da vida, as diversas linhas que lhe formam a tessitura. Há uma constante que prepondera entre mil. Sinto que a minha paixão dominante são os livros. Não a coíbi (sic). Deus encarregou-me de lhe dar solidez e de a tornar fecunda.

Nasci em S. João da Madeira, no dia 6 de Abril de 1890 no lugar da Quintã, numa casa modesta, que se ampliou e desdobrou mais tarde em duas maiores, junto à Escola, quase em frente à Misericórdia, que se erigiu depois. O meu pai, José Francisco Leite, sombreireiro, fabricava chapéus de lã, indústria manual, que era então a única. Ainda me lembro da loja ou oficina, onde trabalhava, e do arco e das cardas, com que ele ganhava o primeiro pão que comi. A minha mãe Leonor Emília Soares, era assedadeira e vendia as estrigas de linho asseado às raras fiandeiras que ainda tinham coragem de pegar na roca das nossas avós; a estopa, que se acumulava em nuvens brancas junto ao sedeiro, destinava-se sobretudo aos pirotécnicos dos arredores, que em S. João nunca houve. Liga-me a este seu ofício uma reminiscência pessoal. A vara fina com que a minha mãe sacudia as arestas da sua estopa, servia também às vezes para corrigir as minhas perrices de crianças. Coisas úteis que se vão esquecendo entre as pieguices modernas...

Das minhas três Irmãs, uma tinha mais onze anos do que eu e serviu-me como de segunda mãe. Ainda vive, solteira, e Deus a conserve para nossa alegria; as outras duas casaram-se, e, muito à antiga portuguesa, deram-me um rancho de sobrinhos e sobrinhas que me chamam todos padrinho, ainda que de baptismo só



o sou da primeira e do último. Mas a mais velha, chamando-me padrinho, deu a lei aos demais: fiquei padrinho de todos...

Guardo também suave recordação das minhas avós (os avôs não os cheguei a conhecer) e da minha madrinha, Irmã de meu pai, que morreu tísica, já casada, / p. 2 / na flôr da vida.

Esta era a minha família. Consagro-lhe a singela recordação destas linhas para protestar contra a lenda de que os Jesuítas perdem o amor à família e porque dois membros dela, meus tios maternos, Serafim e Manuel Leite da Silva deviam influir dalguma forma na minha vida, orientando-a para os dois polos em que ela se repartiu definitivamente. O primeiro era Padre; o segundo, mais velho, foi novo para o Brasil, e ali se estabeleceu no Amazonas. O tio Padre encarreirou-me para a vida eclesiástica; ao tio “brasileiro” devo a ocasião de conhecer e viver na selva amazónica, tomando assim contacto directo com os índios semi-selvagens das cabeceiras dalguns afluentes do Rio Negro, onde ele tinha os seus seringais e castanhais. Conhecimento este sumamente útil para os trabalhos históricos que mais tarde havia de escrever sobre o Brasil.

Era eu menino, três anos dizem-me, quando o meu pai, de quem guardo vaga ideia, talvez mais de outiva que de vista, embarcou para o Pará em busca de fortuna, com que lhe acenavam uns parentes ricos. Pouco depois falecia de febre amarela (1) (4). Quando treze anos mais tarde passei no Pará, a minha primeira visita foi ao cemitério, onde o autor dos meus dias repousa na vala comum, como que a unir o meu próprio ser, pela origem, à gleba americana.

(4) Nota do autor: (1) A 21 de Maio de 1893. Entre os papéis de família, vim encontrar há pouco amarelecida pelo tempo, a própria carta, escrita em 1 de Junho de 1893, com que um parente do Pará anunciou a minha mãe a sua morte. “A única notícia que há é que foi Deus servido chamar a si meu (palavra corrigida a caneta) prezadíssimo Primo, seu marido, José Leite, que faleceu no dia 21, ao meio dia, de febre amarela. Pois não imagina a pena que deixou, não só para sua família como para todos os que o conheciam! Mas então o que havemos de fazer? Deus é quem manda”.



A meninice tive-a como todos. Brincalhão, traquinas, inquieto, vivi com dificuldades, pobremente. Para ajudar minha mãe, o meu tio Padre que era também meu padrinho, levou-me para Madaíl, pequena freguesia em que iniciou o seu múnus de pastor de almas. Bom homem, no entanto a sua maneira desproporcionada (no meu entender de então) com que castigava as minhas faltas de garoto de / p. 3 / oito anos, tornaram-me odiosa a permanência naquele presbitério frio e deserto, longe da protecção e afago materno. O pretexto principal para a estada com o meu Tio era aprender a ler. Ao voltar a casa, pus-me com empenho à escola do velho e bemquisto Professor Frutuoso e aos 10 anos fiz exame de instrução primária ou de admissão ao Liceu como então se dizia. Não obstante o meu Tio ficar como que de relações cortadas, lá apareceu no Liceu de Aveiro a recomendar o afilhado... Era verdadeiro amigo. Estreei por essa ocasião as minhas calças compridas, um fato claro aos quadradinhos, e umas botinas de côr. Que vaidade! Que lufada de vento atirou-me o chapéu à Ria. Recolheu-mo um barqueiro. Pouco mais recordações me restam dessa ida a uma cidade. Apenas a impressão de que Aveiro era uma cidade grande... primeira lição do relativismo das coisas.

Estudos secundários iniciei-os no Colégio-Internato dos Carvalhos. Tomei a peito os estudos, mas sobretudo, não sei porquê, os temas de português. E causou-me funda impressão a primeira obra literária que pedi timidamente ao professor de literatura, o drama Frei Luís de Sousa, de Almeida Garrett. Assim passei alguns anos na vida descuidada de estudante, até que coincidiu com a crise da adolescência um duplo facto que mudou repentinamente o rumo às minhas preocupações. O Tio do Brasil veio a Portugal e manifestou desejos de levar um sobrinho para o ajudar nos seus negócios. Esconderam-me um pouco esse desejo, mas enfim revelou-se e cá me ficou a bailar. E assim quando aos 15 anos o primeiro olhar de mulher despertou em mim os sentimentos naturais àquela idade, senti a grave



responsabilidade do sacerdócio, receei por mim e o convite do tio do Brasil surgiu-me como solução imediata. Não se deu este abandono provisório dos estudos e da Pátria, sem desgosto dos meus. Hoje, reflectidamente, bemdigo a Providência, que leva os homens por vias desiguais, mas sempre para os seus fins. Tenho a firme convicção de que se não fosse este passo nem eu teria escrito a minha pobre, mas principal obra, a História da Companhia de Jesus no Brasil, nem a teria escrito com o conhecimento de causa / p. 4 / com que a escrevi. Assim pois em 1906 fui juntar-me ao meu Tio. E estes sete, oito anos de Brasil, passados nas margens e florestas virgens do Rio Negro, no Pará e em Montalegre, entrecortados por duas vindas de repouso a Portugal, em 1909 e 1911, deixaram-me recordações indeléveis. Compelidos aos 16 anos a ganhar o pão com o suor do meu rosto, numa autonomia absoluta, naquela natureza selvagem, poderia ter sucumbido como muitos outros ao ambiente cálido e sensual que me solicitava vorazmente. Atribuo à relativa cultura, que já levava, a resistência à absorção. Quase todos os rapazes do meu tempo, que compartilhavam comigo dos mesmos trabalhos e aspirações, por ali ficaram perdidos obscuramente nas dobras blandiciosas dalgumas saias feiticeiras. Este feitiço não me atingiu. A minha insatisfação alimentava-se de livros. E os livros salvaram-me. Salvaram-me não tanto por me darem uma orientação à vida que não deram, como por me ocuparem os ócios perigosos e manterem vivo o gosto pelo estudo.

Ideias assentes não as tinha então nem em política nem em literatura. Seguia a corrente. Uma tirada de Junqueiro extasiava-me. Era a moda. Moda e talvez toleima, porque quem o criticasse era infalivelmente (sic) acoimado de retrógrado... Hugo também se lia então. Foi até uma das suas poesias "O Sapo" a primeira tradução que fiz. A primeira e a última, que sempre me repugnaram traduções. Com Hugo lia também naquelas selvas imensas, Lamartine, Chateaubriand e os mais capa[ta]zes da literatura romântica da (sic) há um século. Os realistas também



se iam infiltrando. Mas incomparavelmente mais que os estranhos iluminavam aquelas paragens os nosso escritores brasileiros e portugueses, desde Camões a Camilo, Herculano ou José de Alencar, tudo o que me caía debaixo da vista, comprado ou emprestado, autores muitos deles que nem podem ser aqui citados. Lia tudo. Só um género de livros me inspirou sempre aversão: os spiritistas. No meio destas leituras, a esmo, quanta inutilidade! Não era contudo só a literatura de ficção que me atraía. Cada mês (no Rio Negro havia correio só uma vez, quando o vapor de Manaus, mensal o trazia...) / p. 5 / cada mês recebia o grande jornal, que vinte e cinco anos mais tarde havia de acolher tão generosamente as minhas modestas produções históricas, o Jornal do Co[m]mércio, do Rio de Janeiro, que o meu Tio assinava. E lembra-me também que li – tive essa coragem e de-certo ocasião única para o fazer – li do princípio ao fim, os numerosos e enormes volumes da “História Universal” de César Cantu. A organização do meu trabalho deixava-me tempo livre. Enquanto (sic) outros o desperdiçavam em conversações fúteis, eu lia.

Neste meio tempo ensaiei os primeiros passos na composição literária. Uns versos impossíveis, uns contos ingénuos, umas crónicas sem fundo, mas que [se] publicaram, e que, não valendo nada, serviam de pretexto para me lisonjearem os meus amigos, como se de-facto valessem.

Começando a produção, nasceu a reflexão. Era necessário dar rumo à vida. Casar-me? Aquele primeiro sorriso de mulher, em Portugal, refloriu no Brasil noutra igualmente claro e honesto. Era preciso decidir-me (sic). E um dia, inesperadamente, compro no Pará, um bilhete para Hamburgo. Com que fim? Na travessia um companheiro de viagem, judeu de origem portuguesa, que ainda falava a linguagem do tempo de D. Manuel I, persuadiu-me a desembarcar no Havre, que visse Paris. Para a Holanda, meu destino, Paris ficava no caminho. Era uma tentação. E foi uma despedida. Oito dias. E eis-me na Holanda, em Bois-le-Duc e



Kasteel Gemert, onde então se encontrava o meu Tio Padre a aprofundar os estudos de Filosofia. Cinco anos antes, por ocasião do regicídio, tinha-se ele feito Jesuíta. Foi grande a surpresa que ele experimentou quando lhe anunciaram que estava ali um sobrinho. Em poucas palavras pu-lo ao corrente da minha vida. Ele ignorava tudo, como ignorava esta viagem. E da Companhia que conhecia eu? Uma casa, a do Barro, junto a Torres Vedras, que visitei em 1909 e da qual me ficaram na mente uns corredores acachapados, as enormes almoçadeiras do seu refeitório, onde tomara o café, e, também, como contraste luminoso, o monumento à Virgem, lá no alto, a dominar amplamente os arredores. Sobre a História da Companhia tinha lido o Marquês de Pombal e a sua época, de Lúcio de Azevedo, e o truculento romance que Campos Júnior escrevera sobre / p. 6 / o mesmo famoso perseguidor, com todas as inverosímeis patranhas com que o esmaltara e que eu em parte acreditava, sem suficiente cultura então para as ter como tais. E como eu, quantos naquele tempo – e agora!

Que ia eu fazer? Ao embarcar no Pará um vago desejo de paz e perfeição me movia. Mas procurando bem no fundo da minha alma, parece-me vislumbrar que o fio de Ariadne, que me conduzia, era a minha ânsia de estudos. Deus tem os seus caminhos. Esse parece ter sido o meu.

Vendo as minhas disposições, aconselhou-me meu Tio a ir a Alseberg, perto de Bruxelas, onde então se achava, exilada, a cada de formação dos Jesuítas Português, continuação daquela do Barro. Fiz um Retiro particular com o P. Silvestre Neves. Seguiu os Exercícios Espirituais de Santo Inácio, expostos por Maurício Meschler. Recordo-me que tive com o director deste singular retiro uma grande dúvida. Os Exercícios Espirituais pareciam-me nada menos que um método imoral. Raciocinava assim: conforme este sistema todos devem seguir o caminho mais seguro para a salvação. Ora sendo a vida religiosa o caminho mais seguro para a salvação, todos devem seguir a vida religiosa. Como tal conclusão, pela



mesma generalidade, era evidentemente falsa, eu inferia daí a imoralidade do método, máquina inventada para fazer religiosos. O bom Padre suava! Bem me referia ele que Fulano e Sicrano fizeram os Exercícios Espirituais e a resolução que tomaram foi casar-se... Não me persuadia! Afinal tudo se resolveu com o exame directo das premissas. A maior estava certa. A menor é que requeria um esclarecimento: a vida religiosa era o caminho mais seguro para a salvação sem dúvida; mas nem todos tinham vocação religiosa. Para estes, qual era então o caminho a seguir? O da própria vocação, isto é, o cumprimento exacto e fiel dos deveres inerentes ao próprio estado, fosse ele qual fosse. Confesso que tudo isto mantinha a sua obscuridade, porque a vida religiosa por si mesma é mais segura. Quer isto dizer que os Exercícios Espirituais, que deviam ser para mim de três dias, prolongaram-se por doze, caso que julgo único nos anais da casa. Entretanto, um pouco sub-repticiamente, enquanto os Padres estavam em actos de comunidade, / p. 7 / eu ia à Biblioteca, e lia tudo o que achava à mão, sobre a Companhia de Jesus, as suas obrigações, os seus ideais, os seus estudos, as suas obras, as suas missões. Os estudos iam-me aterrando com a sua duração, mas deslumbraram-se com a sua profundidade. Repito: olhando as coisas a frio, com absoluta sinceridade, creio que não foram os Exercícios Espirituais que me moveram à vocação religiosa, a não ser indirectamente, isto é como ocasião de morar numa casa da Companhia alguns dias e assim conhecê-la melhor. Creio antes que devo olhar a minha vocação por duas faces diferentes: uma exterior e visível, o amor dos estudos; outra invisível e mais profunda, alguma coisa semelhante àquilo que Pascal põe na boca de Deus: meu filho, tu não me buscarias, se eu não te tivesse já encontrado...

Decidido a entrar na Companhia, voltei a Portugal, para preparar a família e dispor as coisas. E, enfim, entrei no Noviciado na mesma casa de Alseberg, daí a alguns meses, véspera de Santo Inácio, a 30 de Julho de 1914. A Guerra Europeia estalou pouco depois. E já foi em plena guerra que se celebrou o primeiro



centenário da restauração da Companhia, a 7 de Agosto, dia precisamente em que passei para a segunda provação. Quando os Padres me deram o abraço de boas-vindas, disse-me um deles, Antunes Vieira, o autor de O Poeta Santa Rita Durão: “Entra com a guerra? Bom sinal. A Companhia é uma milícia”...

Não se tornam a esquecer frases com esta de duplo sentido. Aliás a vida encarregou-se de lhe dar realidade. Para mim a guerra começou efectivamente pouco depois, com uma doença grave. Uma canelada ao parecer sem importância mas agravada com um recreio de inverno nas neves da Bélgica, em oposição violenta com o sol amazónico, despertou uma doença sopitada há muito na tibia direita. Impôs-se uma operação urgente. Submeti-me a ela na segunda quinzena de Novembro. A guerra viria aperfeiçoar estas operações, como eu próprio experimentei, 12 anos mais tarde, na mesma doença. Mas esta primeira operação foi feita ainda por sistema menos perfeito, com esta dupla consequência: passar no Instituto de Santa Isabel, de Bruxelas, o primeiro Natal da minha vida religio- / p. 8 /-sa; gastar nele mais dias do que estatuiam os cânones, só retomando o noviciado a 24 de Janeiro de 1915, com efeitos correlativos para os votos do biénio e para a profissão. Da estada nesta clínica ficou-me suave impressão de caridade. Certo episódio pessoal impressionou-me tanto, que fiz dele objecto dum conto impresso nas Iluminuras. Intitula-se O Beijo da Irmã Helena, referido a terceira pessoa, evidentemente, e envolto num leve ar de poesia e ficção para lhe dar sabor.

Voltando a Alseberg, logo se verificou que a ocupação da Bélgica pelos Alemães impossibilitava a permanência da casa de formação num país que era quase zona de guerra. Nações não beligerantes eram então a Holanda e a Espanha. Para a Holanda persistiam as dificuldades de comunicações. Em meados de 1915 embarcamos em Amesterdão com destino à Espanha. Viagem em plena guerra. Fizemos escala por Falmouth, Inglaterra. Por alturas do Tamisa, durante a noite, os cruzadores ingleses, de faróis apagados, rondavam o “Gelria”, em que íamos.



Muitos passageiros dormiam com os salva-vidas. Ao desembarcar em Corunha, eu, com as muletas que trazia desde a operação mal feita, parecia um mutilado de guerra, atraindo os olhares comiserados do povo. Felizmente, ambas as muletas me ficaram em Loiola, lugar onde também as havia trazido quatrocentos anos antes um coxo célebre... Aqui, pois, neste berço do fundador da Companhia de Jesus, e em Zumaia, praia cantábrica, nos correram essas acidentadas férias de 1915, até que por Outubro desse ano entramos finalmente no Mosteiro dos Jerónimos de Mércia, onde se instalaria o Escolasticado dos Jesuítas Portugueses e onde eu iria passar quatro anos de recolhimento e de estudo. Concluído o Noviciado, passei o Estudantado, antes dos votos, que fiz no dia tradicional de Nossa Senhora da Purificação, 2 de Fevereiro de 1917, ao mesmo tempo que fazia a sua Profissão solene o P. Carlos Coppex, depois Reitor de Oya e actual mestre de noviços do Brasil- Norte.

Nos estudos de Letras, encantaram-me as Humanidades. A familiaridade com os clássicos latinos e gregos, conhecidos directamente, na sua própria língua, iam dar às minhas leituras variadas mas inorgânicas uma ordenação literária. / p. 9 / Estudei também um pouco o hebreu e traduzi, apenas como exercício escolar, o breve poema de Rute. Havia porém estudado e amado demasiado o português para me contentar definitivamente com línguas mortas. O português era para mim vital. Já no Noviciado, a imobilidade forçada a que me obrigava a doença, favorecia a leitura. Enquanto (sic) os outros passeavam, eu lia. Recordo-me da sofreguidão com que devorei os Trabalhos de Jesus. Li duas vezes então essa obra prima da mística portuguesa. Frei Tomé de Jesus e Manuel Bernardes eram os meus autores predilectos. Também lia Vieira, não com o mesmo abandono. Esse já o sujeitava a uma selecção. Mas quando a sua pureza de linguagem, que nele era sempre absoluta, se juntava à simplicidade ou correnteza do pensamento, então arrebatava-me e decorava-o. A Chronica de Baltasar Teles, leitura comum nesse



tempo, também levava as minhas simpatias. E nessas e noutras leituras, acostumei-me a ter a pena na mão. Enchi, nesse Curso de Letras, muitos cadernos, que nunca mais reli, mas nem por isso julgo tempo perdido. O esforço ainda que momentâneo para notar e anotar tal e tal expressão, tal e tal ideia ou vocábulo não deve ter sido inútil nesta pobre vida de escritor. Anos fecundos esses! Nas margens do Segura, nas sombras da “Huerta”, nos montes escalvados e abertos que rodeavam o Mosteiro dos Jerónimos, na Casa de Campo de Churra, nas praias do Mar Menor w do Mediterrâneo onde passamos as férias, li, estudei, poetei e, um pouco também, sonhei... Não estou arrependido! Embalsamar as dificuldades da vida com um ténue fio de poesia fará algum mal à vida? E já agora, sem profanação interior, uma abertura de coração. Foi por este tempo que consolidei a vocação religiosa. A minha gratidão fixa um dia suavíssimo: 25 de Março, Anunciação da Senhora. Pôs-se-me o problema com nitidez absoluta. Com a graça de Deus fiz uma consagração interior (5), ignorada de todos, que, sendo uma renúncia, foi, de facto uma libertação... Fechemos o parêntesis.

Em 1919 comecei o curso de Filosofia no Colégio Máximo de Granada. Esses três anos podem-me esquematizar assim: primeiro mau; segundo regular; terceiro bom. A transição violenta do ambiente literário das Humanidades para o ma-/ p. 10 /-labarismo verbalista da Lógica Menor desarticulou-me a inteligência; o desconhecimento da língua castelhana, atava-me a língua: ano mau. No segundo destravou-se-me a língua, os estudos de Psicologia agradaram-me: estava lançada a ponte. O terceiro ano passei-o já em terra conquistada. Alcançaram popularidade simpática as minhas histórias de Amazonas... E estando já em condições de fazer uma síntese dos conhecimentos do Curso, entusiasmei-me pela Philosophia Perennis. No dia 13 de Junho de 1922 fiz acto De Universa Philosophia, caso sério

(5) Corrigido manualmente “inetrior” para “interior”.



em que me podia perder, perdendo toda a carreira. Mas era dia do nosso glorioso santo português, padroeiro das coisas perdidas... Não me perdi.

Entre a Filosofia e a Teologia cai o interregno do Magistério, primeiro ensaio das lides pedagógicas num Instituto que faz da Educação e Instrução da mocidade um dos seus mais proveitosos apostolados. O Antigo Colégio de Campolide em Lisboa, fechado em 1910, seguiu os destinos da Companhia e andou alguns anos pela Bélgica e Espanha até se fixar com mais demora em La Guardia, povoação galega em frente de Caminha, nas margens do Rio Minho. Tomei conta da primeira divisão, a dos maiores, rapazes onde despontava o buço e se afirmava a personalidade. Foi um ano só. Com 33 de idade, não era conveniente deter-me. Em Setembro de 1923, no momento em que Primo de Rivera proclamava a Ditadura em Espanha, segui para a Bélgica, para me formar em Teologia no célebre Instituto Teológico de Enghien, da Província de Champagne. Ensinavam então ali alguns dos mais ilustres Professores da Companhia, entre os quais Fernando Prat, conhecidíssimo autor da “Teologia de São Paulo”. Aliás não há Professor de que não conserve boas recordações. Contudo a dois principalmente ficou vinculada a minha gratidão, aos Padres Pinard de la Boullaye e Paulo Galtier. Pinard era então Prof. de Fundamental e foi depois pregador de Notre Dame, em Paris; a ele devo, no começo do curso, a boa reputação de estudante que ele me criou entre professores e alunos, reputação que se manteve até o fim; o P. Galtier atribuiu o aumento desta reputação, na satisfação visível com que seguia os círculos em que eu defendia as suas teses De Paenitentia. Num deles afirmou / p. 11 / publicamente que inserira certa solução minha no seu próprio Tratado — que então andava a imprimir. Declaro lealmante (sic) que esta reputação, que me angariaram estes e outros Professores, era superior à minha capacidade. Não é falsa humildade. Explico-a pelo instinto (outros diriam inteligência...) com que eu preparava cuidadosamente a primeira demonstração pública ou círculo de cada matéria. A



impressão que ficava nos Professores e na aula, não admira que fosse boa. Depois já se sabe... Ganha fama e deita-te a dormir!

Não é só dos Mestres que guardo boa lembrança. Digo o mesmo dos companheiros de estudos. Alguns estão-se fazendo notáveis; e a um deles, Agostinho Pró, já o celebrou o martírio que recebeu no México.

No fim do terceiro ano de Teologia sobreveio o grande dia do Sacerdócio. Na Bélgica as ordenações costumam ser depois das férias grandes. Na Universidade de Comillas (6), Espanha, eram um mês antes. Para ganhar esse mês e vir dizer missa nova em Portugal, ordenei-me nesta Universidade, nos dias 25, 26 e 27 de Julho de 1926, recebendo nestes três dias consecutivos as três ordens maiores. Conferiu-mas, a mim e a mais alguns, D. Ramón Peres, Bispo de Badajoz e Patriarca das Índias Ocidentais, isto é da América; e pus-me a caminho de Santa Maria de Oya, perto de La Guardia, onde então já se encontrava o Noviciado de Portugal, transferido de Múrcia para ali, afim de ficarem as casas da Província mais perto umas das outras e todas mais ao pé da Pátria. Esta casa de Oya desfez-se em 1932, em virtude da perseguição desencadeada pela segunda república espanhola. Desfez-se no dia 2 de Fevereiro, o próprio dia em que eu fazia a Profissão nessa casa. A esta recordação pessoal, afinal gloriosa, liga-me outra, esta unicamente de quietação e de paz. Foi quando naquele ano de 1926, no dia de Santo Inácio, celebrei ali a primeira missa. Foi meu presbítero assistente o P. Anacleto Dias, actual Reitor do Seminário de Macau na China, então Provincial. Convocada depois a família para a Póvoa de Varzim aí lhe disse uma das primeiras missas, sentindo a ausência de minha mãe, a quem Deus tinha chamado a si cinco anos antes (2) (7).

(6) Corrigido manualmente "Comilhas" para "Comillas".

(7) Nota do autor: (2) A 1 de Abril de 1921.



/ p. 12 / Em Enghien, para onde voltei depois das férias, quem quisesse aproveitar os tempos livres tinha em quê. Possui a grande biblioteca especializada dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Estudei-os com o P. Vattrigam e visitei algumas das Casas de Exercícios da Bélgica e França. Além dos Exercícios interessavam-me as questões sociais. Tratei pessoalmente com algumas personalidades em evidência e assisti aos primeiros congressos de *Juventude Operária Católica*. Não esqueci, é claro, o fim principal da minha estada na Bélgica. Com mais quatro ou cinco teólogos, formamos uma academia, dirigida pelo P. Gabriel Picard, então Reitor, para estudarmos mais profundamente em S. Tomás um ponto concreto, La saisie de Dieu.

Antes da conclusão do curso, vem o período ante-preparatório, quatro meses em que se aprofundam as teses de toda a Filosofia e Teologia, repartida por quatro partes sorteadas no dia de Santo Tomás, 7 de Março. Entre os graduados, a quem tocaram teses iguais às minhas, estava um suíço da Província Alemã (Gutzwiller) e um francês da Província de Tolosa (Cavallié). Entendendo-nos bem, resolvemos estudar juntos. Era permitido nestes casos preparar as teses fora. Decidimos passar um mês na Casa de Campo da Província de Champagne em Rhodes-Saint-Genève, bem perto do meu velho e conhecido Alseberg. Combinado tudo com o Reitor, pedimos segredo. Dito e feito. Ao chegarmos ao nosso destino, encontramos um bilhete postal, que ficou famoso, dirigido a Mr. Serafim Leite & (8) C.º, desejando-nos boa vilegiatura e assinado por todos os companheiros de curso – e mais alguns! O segredo tinha sido efectivamente bem guardado... Conservo este postal como preciosidade autógrafa e mostra do espírito e camaradagem daquele grande Instituto.

(8) Acrescentado manualmente “&”.



No dia 23 de Junho de 1927, fiz o exame ad gradum, coroando assim com felicidade, a minha carreira de estudos. Admiro-me hoje de como sem prejuízo dos meus estudos essenciais, me foi possível escrever tanto durante ela. Grande parte das poesias impressas nos meus dois volumes de versos, escrevi-as durante o tempo de estudante. Compus também alguns contos e inúmeros artigos de ocasião, para o quinzenário da minha terra, “o Regional”. Entre outras / p. 13 / coisas, lembrei nas suas colunas duas obras necessárias e importantes para S. João da Madeira, a criação de um parque e a erecção, dentro dele, do Santuário a Nossa Senhora dos Milagres. Em tão boa hora se lançou a ideia, que uma e outra coisa são hoje realidade esplêndida. Compus também o Hino Oficial de S. João da Madeira e ideei o seu estudo heráldico. Com outros Sanjoanenses concorri com modesta parte para a sua emancipação municipal, redigindo ou ajudando a redigir a pro-memória que lhe valeu essa regalia em 11 de Outubro de 1926. Tenho feito para (9) engrandecimento da minha terra natal tudo o que era compatível com a minha situação religiosa. E com satisfação, porque um amor constante e profundo me prendeu sempre à minha gente e à minha terra.

Toda esta actividade literária, a que sempre me inclinei, não passou despercebida aos Superiores de quem dependeria a orientação prática da minha vida. E sucedeu que ainda mesmo durante os estudos, já nas férias de 1926 em que vim a Portugal, me destinaram à redacção do “Mensageiro”, dirigido então em Pontevedra pelo P. Alexandre Castelo, descendente directo do Marquês de Pombal. Concluidos os estudos voltei para a mesma revista durante um ano e alguns meses, ao fim dos quais, em Outubro de 1928, dei princípio ao último acto da formação da Companhia, que é o chamado terceiro ano; e tive o prazer indizível de passar esse período em França, na terra bemdita de Paray-le-Monial. À ida gastei algum

(9) Acrescentado manualmente “para”.



tempo em Tolosa para estudar a organização do “Mensageiro” francês e do Apostolado da Oração, pois era intenção do Provincial que eu me dedicasse a esses assuntos em Portugal. Contava eu já com esse destino, quando em Julho de 1929 recebi instruções para me dirigir a Lisboa, para onde tinha sido transferida um ano antes a Redacção da Revista Brotéria. Estava fixado o meu “ofício” na Companhia. Seria “escritor”. E cá vou como posso, seguindo o conselho de Lacordaire: Cruciez-vous à votre plume (10)... Tenho entremeado esta ocupação de escritor, com outras, umas vezes com mais felicidade outras menos: nesta, Deus tem-me ajudado sempre. Na verdade, / p. 14 / examinando a curva da minha vida e colocando-a num plano superior, vejo através de tudo a mão amorável da Providência, preparando-me e encaminhando-me. O gosto dos livros trouxe-me à Companhia de Jesus; a Companhia devolveu-me aos livros. E pelos livros, num acto de agradecimento, procuro servir a Verdade e glorificar a Deus.

Roma, 2 de Fevereiro de 1939.

Serafim Leite (11)

(Revista da Academia Brasileira de Letras – Anais
de 1940, vol. 60 [Rio de Janeiro] 382-396). (12)

(10) Palavra riscada e acrescentado manualmente “plume”.

(11) Assinatura autógrafa.

(12) Informação acrescentada manualmente.